



DOSSIÊ: HISTÓRIA DAS MULHERES, DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E DAS SEXUALIDADES DISSIDENTES

No Ceará é assim: gênero, dissidência e tradição na (re) invenção da feminilidade em concursos de beleza gay

In Ceará, this is how it is: gender, dissent and tradition in the (re)invention of femininity in gay beauty pageants

En Ceará así es: género, disidencia y tradición en la (re)invención de la femineidad em concursos de beleza gay

Marina Leitão Mesquita¹

orcid.org/0000-0002-2833-1835
marinaaya@gmail.com

Recebido em: 15/05/2020.

Aprovado em: 07/01/2021.

Publicado em: 30/04/2021.

Resumo: Este trabalho aborda aspectos da história das dissidências de gênero e sexualidade no Nordeste Brasileiro, de forma a compreender como as pessoas transgêneras reconstróem sentidos de feminilidade, masculinidade e tradição. Para tanto, investiga-se a rede de concursos de beleza *gay* cearenses, partindo de seu contexto contemporâneo e adentrando as memórias daquelas que protagonizaram as primeiras edições, na década de 1950. A metodologia desenvolvida foi de base etnográfica, alinhando-a ao emprego da história oral. Recorreu-se, ainda, às notícias de jornais impressos e ao acervo pessoal preservado por produtores e artistas trans. Nesse sentido, constatou-se que os concursos de beleza *gay* alimentam um imaginário cearense voltado às dissidências de gênero e sexualidade, de maneira interligada aos setores do ramo da beleza. Além disso, esses certames representam espaços de militância e fontes de visibilidade e posituação das transgeneridades. Em contrapartida, observa-se a perseguição de um padrão de beleza referente a uma "feminilidade espetacular", reiterando padrões hegemônicos e incorrendo em disputadas por legitimidade. Por fim, compreende-se a construção paulatina de um imaginário sobre o Ceará e sobre outras regiões do país, em especial a nordestina.

Palavras-chave: Concursos de beleza gay. Memória. Tradição.

Abstract: This paper addresses aspects of the history of gender and sexuality nonconformity in Northeast Brazil in order to understand how transgender people reconstruct meanings of femininity, masculinity, and tradition. The authors investigate the gay beauty pageant circuit in the northeastern state of Ceará, starting from its contemporary context and retracing it through the memories of those who starred in the first such pageants in the 1950s. The methodologies used for this study include ethnography, oral history, and archival evidence from printed newspapers and trans producers' and artists' personal collections. Ultimately, it is found that gay beauty pageants perpetuate a Ceará imaginary focused on gender and sexuality nonconformity that intersects with sectors of the beauty industry. In addition, these events represent spaces of militancy and sources of visibility and affirmation of transsexuality. On the other hand, we observe the pursuit of a beauty standard, referred to as "spectacular femininity," that reinforces hegemonic notions of beauty and fosters disputes for legitimacy. Finally, we understand the gradual construction of an imaginary about Ceará and other regions of the country, particularly the Northeast.

Keywords: Gay beauty pageants. Memory. Tradition.

Resumen: Este trabajo trata de los aspectos de la historia de las disidencias de género y sexualidad, sobre todo, en la región de Noreste brasileño, a fin de comprender como las personas transgéneros reconstruyen sentidos de femineidad, masculinidad y tradición. Para tanto, se investiga la red de concursos de



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, CE, Brasil

belleza gay cearenses, partiendo de su contexto contemporáneo y adentrando a las memorias de aquellos que protagonizaron las primeras ediciones, en lo que respecta al empleo de la historia oral. Se recurrió, aún, a las noticias de periódicos impresos y al acervo personal preservado por productores y artistas trans. En este sentido, se constató que los concursos de belleza gay alimentan un imaginario cearense vuelto a las disidencias de género y sexualidad, de manera interconectada a los sectores de la rama da beleza. Aparte, esos certámenes representan espacios de militancia y fuentes de visibilidad y exaltación de las transgeneridades. En contrapartida, se observa la búsqueda de un patrón de beleza referente a una "femineidad espectacular", reiterando patrones hegemónicos e incurriendo en disputadas por legitimidad. Por ende, se comprende la construcción paulatina de un imaginario sobre el Ceará y sobre otras regiones del país, en especial la de Nordeste brasileño.

Palabras clave: Concursos de beleza gay. Memoria. Tradición.

Introdução

O presente trabalho se debruça sobre aspectos importantes e pouco explorados da história das dissidências de gênero e sexualidade no Nordeste brasileiro, de forma a compreender a maneira pela qual pessoas transgênicas reconstroem sentidos de feminilidade, masculinidade e tradição a partir de suas experiências. Para tanto, busco evidenciar a rede de concursos de beleza *gay* cearenses², partindo de sua pulsante cena contemporânea e adentrando as memórias daqueles que protagonizaram as primeiras experimentações, ainda na década de 1950. Por transgêneras, compreendo aquelas pessoas que transgridem as representações de gênero e sexualidade socialmente estabelecidas (BENEDETTI, 2005; BENTO, 2006; DUQUE, 2011; JAYME, 2001; LEITE JÚNIOR, 2012; MISKOLCI; PELÚCIO, 2009), também conhecidas pela abreviação trans.

A metodologia empregada foi de base etnográfica, partindo da noção de campo multissituado (MARCUS, 1994) e de uma perspectiva que busca a compreensão das categorias nativas (WAGNER, 2012; STRATHERN, 2014). A pesquisa de campo transcorreu principalmente na cidade de Forta-

leza e Região Metropolitana. Entretanto, também acompanhei minhas/meus interlocutoras(es) em viagem à cidade de Salvador (BA) e estabeleci contatos com participantes e organizadores de diversas outras cidades e estados do país. Construindo a etnografia entre os anos de 2013 e 2016, pude acompanhar os(as) interlocutores(as) em suas vivências e articulações múltiplas.

Nessa perspectiva, frequentei suas casas, seus ambientes de lazer, os momentos de organização política e participei de todas as etapas envolvidas na organização e efetivação dos concursos de beleza *gay* cearenses no período supracitado. Também colaborei para a organização da Rede de Organizadores de Concursos de Beleza Gay dos Bairros e Região Metropolitana de Fortaleza (RCBG), auxiliando na viabilização dos encontros e atuando como palestrante e debatedora. Participei, ainda, dos eventos organizados pela Secretaria da Diversidade Sexual de Fortaleza, acompanhando os seus representantes em diversos concursos³.

Além disso, recorri a notícias de jornais impressos, bem como ao próprio acervo de fotografias, objetos, convites e recortes preservado por produtores e artistas trans da capital cearense. Finalmente, através da metodologia da história oral, considerando sua dimensão técnica e teórica (AMADO; FERREIRA, 2006), busquei construir uma compreensão acerca dessas práticas tão relevantes para o contexto da arte, da cultura e dos processos de identificação (HALL, 2003) de pessoas que subvertem a heteronorma (BUTLER, 2003).

Concursos de beleza, em geral, são eventos que visam eleger hierarquicamente a estética das pessoas que o disputam. Comumente esse ideal de beleza vem acompanhado de prescrições morais, éticas e comportamentais, que se impõem de maneira oficializada ou de forma implícita aos(as) participantes de um certame. Os critérios que visam selecionar os(as) vencedores(as), entretanto, nem sempre são exatamente

² A pesquisa se concentrou em práticas e experiências que ocorreram prioritariamente em contexto cearense. No entanto, buscou-se evidenciar as relações dos eventos cearenses com outros estados nordestinos. Embora ideários sobre a Região Nordeste sejam frequentemente evocados pelas interlocutoras da pesquisa, não há a intenção de subsumir o Nordeste ao estado do Ceará.

³ Há um debate, que ocorre nacionalmente, a respeito da relevância ou não de dedicar verbas públicas ou tomar concursos de beleza *gay* como pauta para a política LGBT. Em 2016, na Conferência Nacional da Diversidade Sexual que aconteceu em Brasília, foi decidido que os concursos de beleza também podem ser considerados uma forma de militância.

claros, já que muitas vezes aspectos subjetivos também concorrem para orientar essas classificações. No caso dos concursos de beleza *gay*, ocorre um tipo de julgamento específico, que leva em consideração o alcance da *montagem*,⁴ da transformação corporal e de gestuais atingido pelas candidatas. Além disso, uma série de outros fatores que envolvem sua organização, amplitude e pessoas envolvidas fazem-se presentes, denotando uma realidade multifacetada.

Em diversos estados brasileiros, bem como em outros países, têm-se notícias sobre concursos de beleza *gay* ou trans sendo realizados de forma contínua (SILVA JUNIOR, 2017; NOLETO, 2014; NASCIMENTO, 2014; OCHOA, 2014; RODRIGUES, 2008), atraindo inúmeros admiradores desta prática e elaborando a existência de redes mais ou menos articuladas. Alguns deles fazem parte do calendário oficial da cidade ou do bairro sede, como é o exemplo do Miss Gay Brasil, que acontece há quatro décadas em Juiz de Fora (MG) e foi salvaguardado como patrimônio imaterial do Município. No Ceará, o Miss Gay José Walter, bairro periférico de Fortaleza, teve sua 25ª edição em 2019. Já o Miss Gay Ceará realizou sua 36ª edição no mesmo ano.

Assim como acontece nos concursos de *miss* femininos, regras rígidas são acionadas para determinar quem pode e quem não pode participar. Se em um concurso de *miss* voltado às mulheres as candidatas precisam ter entre 18 e 27 anos, não podem ser casadas ou divorciadas e nem terem tido filhos; nos concursos de *miss gay* é determinado que os corpos das candidatas não podem ter sofrido transformações na carne, isto é, a aplicação de silicones médicos ou industriais. Aliada à discussão sobre a questão da ingestão de hormônios femininos, essas interdições propiciam uma série de debates, que se configuram em momentos valiosos para compreender as disputas por

classificações, as diferenças em jogo e os agenciamentos das feminilidades e das masculinidades.

Dessa forma, as protagonistas dos concursos de *miss gay* são as transformistas, sendo expressamente vetada a participação de concorrentes travestis ou transexuais.⁵ Essa exigência tem sido, entretanto, um catalisador de atritos, pois nem sempre é fácil comprovar a existência ou não de transformações corporais mais densas. A despeito de suas aproximações e distanciamentos, tanto transformistas como travestis estão envolvidas no contexto dos concursos de beleza *gay* cearenses. As primeiras desempenham o papel de candidatas, enquanto as segundas são exímias espectadoras, juradas ou, até mesmo, foram aclamadas *misses* antes de efetuarem suas transformações mais densas. Ambas, transformistas e travestis, desenvolvem também *shows* performáticos que compõem parte importante dos certames.

Embora em muitos estados tenha ocorrido consideráveis dificuldades na realização e continuidade desses eventos, em contexto cearense vêm acontecendo nos últimos anos o advento de uma cena rica e potente, onde é possível observar não somente a manutenção de eventos tradicionais com décadas de existência, como também a constituição de uma rede de concursos que ocorre de forma descentralizada na periferia e na Região Metropolitana de Fortaleza. Assim, entendo a organização desses concursos como parte de uma rede de eventos que se interligam por toda a capital cearense e demais municípios que compõem sua Região Metropolitana, além de estabelecer colaborações com concursos realizados em outros estados, entendidos enquanto *nacionais*.

Para buscar a compreensão dessa realidade, os referenciais e os caminhos analíticos perscrutados se basearam em elaborações teóricas feministas sobre os mecanismos de intersecção entre marcadores sociais da diferença (BRAH,

⁴ Entendo por *montagem* a transformação momentânea ou permanente do corpo realizada por pessoas trans, através de objetos, indumentárias e/ou intervenções na carne, tais como ingestão de hormônios, cirurgias plásticas e silicone industrial. Além disso, a montagem é caracterizada pela aquisição de gestos, estilos e posturas. Ela pode ser realizada com o intuito de permanecer montada cotidianamente, assim como para protagonizar um espetáculo ou *dar close* em festas, isto é, aparecer de forma notável em público. Saliento, ainda, que neste trabalho os termos e categorias êmicas estão grafadas em *italico*.

⁵ A transformista é uma categoria que se diferencia das travestis e das transexuais. Como vivência comum, elas experimentam a prática da *montagem*, que se modifica de acordo com suas perspectivas e intencionalidades. Em geral, a transformista *se monta* apenas para fins de encantamento momentâneo, isto é, *dar close* em festas, concorrer em concursos de beleza e/ou realização de performances artísticas.

2006; HARAWAY, 2004; PISCITELLI, 2008; SCOTT, 2005; STOLCKE, 2006; STRATHERN, 2009). Além disso, um investimento nas reflexões teóricas e epistemológicas sobre memória (BOSI, 2003; BOURDIEU, 2006) foi realizado. Dessa forma, além da análise dessa realidade empírica pouco vislumbrada em pesquisas históricas e etnográficas, sobretudo em contexto cearense, este trabalho buscou desenvolver uma reflexão de ordem teórica pertinente, qual seja, a articulação entre teorias que refletem questões identitárias, com proposições sobre memória e tradição.

Ao realizar o escrutínio pormenorizado da prática dos concursos de beleza *gay*, constatou-se que uma gama de sujeitos/as colabora para a sua construção. Assim sendo, neste trabalho considerei diversos aspectos, grupos e pessoas que estão interligadas visando à realização dos certames, tais como fundadores, organizadores ou *donos* de concursos; jurados(as); estilistas e aderecistas; maquiadoras(es) e cabeleireiras(os); público, *misses* e aspirantes ao título. Dessa forma, é importante ressaltar que esse investimento analítico almeja colaborar e somar esforços com o trabalho desenvolvido por historiadores e cientistas sociais que lançam um olhar para as dissidências de gênero e sexualidade no Brasil e, em especial, na região Nordeste.

O campo de estudos das diversidades de gênero e sexualidade no Brasil tem, na última década, recebido um maior investimento intelectual e analítico. Dentre os(as) autores(as) que colaboraram para a construção do *corpus* de conhecimento sobre essa questão podemos apontar a contribuição de Facchini (2005), que pesquisou a constituição do movimento LGBT brasileiro e a produção de identidades na segunda metade dos anos 1990. Já Mott (2002), pesquisador e ativista histórico do movimento LGBT, colaborou para a compreensão sobre movimentos sociais e práticas homoeróticas no Brasil e na região nordestina. Com relação às pesquisas sobre homossexualidades e homoerotismos no Nordeste brasileiro, Albuquerque Júnior (2013) construiu uma sofisticada reflexão sobre a

produção de subjetividades e a história das sensibilidades. Finalmente, com a intenção de indicar algumas contribuições e sem esgotar as referências, Green (2000, 2014) refletiu sobre história das homossexualidades e sua relação com a ditadura militar no Brasil. Intelectual engajado, o autor foi um dos fundadores do movimento homossexual organizado no Brasil através de sua participação do grupo Somos (GREEN; LIMA; MACHADO, 2020). Nesse sentido, a reflexão aqui proposta busca dialogar com as perspectivas teórico-metodológicas que se debruçaram sobre os meandros do movimento LGBT e das relações de gênero.

Entendo, pois, que o debate entre os saberes antropológicos e históricos se configura em uma via fundamental para a compreensão acurada das experiências, práticas e trajetórias de sujeitos(as) que não se adequam à heteronorma (BUTLER, 2003). Portanto, o desenvolvimento dessa abordagem impacta de maneira contumaz o conhecimento que se tem da história e da cultura brasileira, uma vez que se costuma associar ao Nordeste e, especificamente, ao Ceará, a masculinidade e a rudeza.⁶ Entretanto, a compreensão histórica e etnográfica das experiências investigadas nesse contexto demonstra que, apesar dessa narrativa hegemônica, uma rica e potente contranarrativa dissidente, transviada e *queer* (BENTO, 2014; MISKOLCI, 2011) se constrói sobre o Nordeste, o Ceará e a cearensidade.

Nesse sentido, este trabalho está organizado da seguinte maneira: primeiramente, indico como se desenvolve a rede de concursos de beleza *gay* cearense, atentando para a divisão nativa entre *grandes concursos* e *concursos de bairro* e apresentando as pessoas que estão envolvidas em sua organização. Busco evidenciar a maneira pela qual esses eventos constituem-se em formas de militância popular e posituação da experiência de exprimir-se efeminado. Em seguida, abordo as memórias de alguns dos protagonistas dos concursos de beleza *gay* precursores no estado. Intenciono identificar sentidos e significados que produziram essas práticas no século passado e

⁶ Podemos elencar como exemplos fortemente ilustrativos a preeminência de expressões populares que remetem a essas características, tais como: "No Ceará não tem disso, não!" e "Nordeste: terra de cabra macho".

que continuam a inspirar e construir as experiências na contemporaneidade. Além disso, observo como ocorre um processo de (re)interpretação da cultura e da tradição nordestina e cearense nesse processo, de forma a indicar modelos de feminilidades (MOORE, 2000) almejados na cena. Por fim, apresento as considerações finais dessa pesquisa, de forma a identificar como os elementos discutidos ao longo do trabalho estão envolvidos na edificação de um contexto repleto de convergências, disputas e significados.

1 Concursos de beleza: redes, sujeitos(as), grandes concursos e concursos de bairros

Os concursos de beleza gay realizados no Ceará vêm, nos últimos anos, tomando proporções cada vez mais notáveis, pois a quantidade de eventos organizados anualmente vem aumentando de forma contumaz. Atualmente, existem diversos concursos de menor envergadura ativos, bem como os dois concursos de maiores proporções que acontecem na capital: Miss Gay Ceará e Top Gay Ceará. Entre estes eventos se estabelecem redes de cooperação e concorrência, onde há disputas relativas à relevância, prestígio e representatividade. Essas diferentes modalidades de eventos são compreendidas pelos sujeitos/as envolvidos como *grandes concursos* e *concursos de bairro*, sendo que essas diferenciações são (re)construídas incessantemente.

Nesse contexto ocorre o estabelecimento de uma *rede*, que congrega eventos, sujeitos/as, objetos/coisas e ideários. Para a compreensão desses coletivos, considero a noção de "corte da rede" de Strathern (2014). Conforme a autora, durante as décadas de 1980 e 1990, a descoberta dos antropólogos de que a ciência e a cultura não são instâncias exteriores entre si alimentou um rico imaginário composto por imagens de ciborgues e híbridos. Nessa perspectiva, floresceu uma abordagem sociológica que hibridiza ferramentas de análise social e desenvolve um enfoque metodológico próprio, entendido pelo termo "redes" ou teoria do ator-rede. Esses teóricos constroem narrativas que visam demonstrar a maneira pela

qual ocorrem alianças entre entes humanos e não humanos, bem como esperam refletir acerca dos contextos sociais formados por esses coletivos.

Essa noção de rede congrega tessituras de elementos heterogêneos, que podem constituir-se em eventos, objetos e/ou circunstâncias diversas, interligadas por interações sociais. Além disso, assim como todos os elementos combinados, as interpretações desenvolvidas pelo pesquisador também fazem parte da rede. Já o poder retórico do híbrido consiste em sua crítica das formas puras, que em última instância existem apenas como construto teórico-conceitual. Na perspectiva stratherniana, porém, há o reconhecimento de que híbrido e rede são conceitos euro-americanos, sendo que fora dessa cultura de origem "os antropólogos devem tomar suas próprias decisões interpretativas quanto à sua utilidade" (STRATHERN, 2014, p. 303). Além dessa observação, a autora acredita ser necessário refletir e operacionalizar o estabelecimento de um "corte" ou uma interrupção de um fluxo na rede.

Dentre as formas possíveis, Strathern (2014) aponta para a interpretação como uma das maneiras de interromper o fluxo, essa sendo dependente de uma manutenção de estabilidade para a descrição de dada realidade. Dessa maneira, o conceito de rede seria um mecanismo adequado para demonstrar a maneira pela qual entidades diversas se interligam, de forma que não lhes sejam atribuídos níveis ou hierarquizações. Ademais, os pontos nessa rede podem ser de diferentes naturezas, o foco está nas possibilidades de interconexões. Considerando essa perspectiva, compreendo que os/as sujeitos/as e objetos envolvidos no contexto dos concursos de beleza gay cearenses fazem parte de uma rede, tanto do ponto de vista interpretativo/conceitual, como a partir de um entendimento nativo, no qual os atores envolvidos se reconhecem enquanto tal.

Esse fato pode ser vislumbrado a partir do estabelecimento da Rede de Organizadores de Concursos de Beleza Gay de Bairros e Região Metropolitana de Fortaleza (RCBG), coletivo organizado de forma autônoma pelos *donos* de concursos, no decorrer do ano de 2015. De forma concomi-

tante, uma parcela de entidades humanas e não humanas envolvidas na realização dos certames são compreendidas enquanto elementos dessa rede, que é composta por *misses* e candidatas ao título, bem como por uma série de artefatos que compõem suas corporalidades e experiências.

Nesse sentido, para dar cabo à realização desses eventos, alguns atores são fundamentais nesse processo. Além das candidatas ao título, ocorre a participação de outros(as) sujeitos(as) tão essenciais quanto às *misses* para a edificação de um certame. São eles os *donos*, jurados(as), missólogos(as) e o público que frequenta os concursos. Assim, a seguir procedo à apresentação de cada uma dessas categorias, discutindo suas características, bem como o papel que desempenham nesse contexto.

Entre o conjunto de indivíduos responsáveis pela organização de um concurso de beleza *gay* cearense existe uma pessoa identificada pela categoria *dono*. Esta pessoa corresponde ao papel de maior responsável pelo evento, tanto no que se refere ao investimento material e afetivo, como no que tange ao gozo do bônus de um evento de sucesso, ou mesmo de um possível ônus decorrente de uma má coordenação. A partir das minhas experiências em campo, pude compreender que a categoria *dono* identifica aquele que é o proprietário de um evento, que deve estar relacionado a uma territorialidade específica (bairros, cidades, estados ou país) ou sustentado por uma proposta que visa aglutinar vencedoras de outros certames. O *dono* experimenta uma vivência que denota posse e sugere uma possibilidade de manuseio de um poder maior do que aquele experimentado pelos demais sujeitos/as envolvidos, já que a última palavra em relação a todas as decisões é prerrogativa do *dono*⁷.

A partir dessa constatação é possível observar que nesse contexto a posse e o comando são características mais aproximadas dos ideais de masculinidade. Se todas as funções de criação e

manipulação do corpo e da beleza são realizadas por pessoas prioritariamente tratadas pelo pronome feminino, mesmo quando não permanecem *montadas* cotidianamente, mostra-se revelador o fato de que o único cargo tratado hegemonicamente no masculino seja o de maior poder de comando e decisão. De acordo com Strathern (2009), a categoria gênero não configura uma fixidez, já que transpõe as classificações de feminilidades e masculinidades para além do sujeito:⁸

Entendo por "gênero" aquelas categorizações de pessoas, artefatos, eventos, sequências etc. que se fundamentam em imagens sexuais – nas maneiras pelas quais a nitidez das características masculinas e femininas torna concretas as ideias das pessoas sobre a natureza das relações sociais. Tomadas simplesmente como sendo "sobre" homens e mulheres, tais categorizações têm muitas vezes parecido tautológicas. Na verdade, suas possibilidades inventivas não podem ser apreciadas enquanto não se atente para a maneira pela qual relações são construídas por meio delas (STRATHERN, 2009, p. 20).

Dessa forma, em diálogo com Strathern (2009), para quem a ação é uma atividade que possui gênero e o comportamento é ele mesmo algo imbuído de categorizações de feminilidades ou masculinidades, compreende-se que na situação de dominação conforme manejada pelos *donos* dos concursos de beleza *gay* cearenses, há uma preeminência por associar poder e posse à masculinidade. Embora seja vislumbrada essa associação, identificam-se contradições nesse processo, já que um ideal de feminilidade é o bem/valor mais perseguido nos certames, conforme será indicado na sequência.

Outra categoria importante para a realização dos concursos é a dos(as) jurados(as). Jurados(as) são pessoas cuidadosamente escolhidas e convidadas para julgar as candidatas ao título. Geralmente, são pessoas com saberes e experiências reconhecidas para proceder ao julgamento das características necessárias a uma *verdadeira miss*. Assim, os(as) jurados(as) julgam a *montagem* da *miss*, seu vestido de gala, seu traje típico, sua

⁷ Praticamente todos os *donos* são tratados a partir do pronome masculino, diferentemente das demais categorias envolvidas no contexto. São pouquíssimas as *donas* de certames, enquanto estive em campo identifiquei apenas duas, de um universo de quase 40 eventos.

⁸ A noção de gênero desenvolvida por Strathern (2009) se funda no diálogo com a categorização nativa de povos melanesianos, com os quais a autora realizou trabalho de campo.

maquiagem, seu cabelo, sua *passarela*⁹ e seus movimentos, ou seja, julgam a ampla construção da candidata, identificado pelos(as) sujeitos(as) como *aparato*. Existem critérios para julgar cada uma dessas características, porém muitos deles são da ordem do não dito, ou seja, aprendidos sempre na experiência prática do trabalho com a *beleza* ou na prática de constituir-se jurado(a). Sendo assim, é comum que os(as) julgadores(as) sejam estilistas, cabeleireiros(as) e maquiadores(as) que mantêm íntimos contatos com essa realidade. Há também a figura do/a missólogo(a), isto é, alguém especializado(a) em colaborar para a construção ou na avaliação de candidatas a *misses*, sejam mulheres biológicas, mulheres trans ou *transformistas*.¹⁰

Finalmente, outra categoria essencial para a realização de um concurso é o público que vai prestigiá-lo. Na maior parte das vezes, há uma circulação do mesmo público entre os eventos que vão acontecendo semanalmente em diferentes bairros da cidade. Frequentar concursos de beleza *gay* é experimentado por muitas pessoas como o seu principal divertimento do final de semana. O fato de ser comum que em Fortaleza e Região Metropolitana haja mais de um evento por mês, possibilita que o público tenha opções de eventos em quase todos os finais de semana do ano. Nesse sentido, há uma circulação de pessoas por toda a área urbana.

Acontece, ainda, em alguns contextos, a participação de familiares das candidatas. Nesses casos é comum que mães, irmãos e crianças da família frequentem esses espaços, visando torcer pelo seu ente querido. Outra classe de público que se faz muito presente nos concursos de bairro são as chamadas *torcidas* das candidatas. Nem sempre as *torcidas* são bem recebidas pelas de-

mais pessoas envolvidas na rede, pois é comum que se excedam nos seus incentivos, chegando mesmo a pressionar os(as) jurados(as) para que eles(as) votem em suas candidatas. Esse é um aspecto fortemente discutido no âmbito da RCBG, visto que alguns certames são praticamente impossibilitados de serem finalizados a contento devido à contundência das torcidas. No caso dos concursos de beleza *gay* cearenses, cada voto é anunciado no microfone, para que todos se certifiquem que não ocorreu negligência na contagem. O próprio ato de anunciar o voto em público pode ser dominado por pressões e receios, a depender da força das *torcidas* presentes. Assim, ao passo que as principais pessoas que interagem na rede para a realização dos eventos foram apresentadas, a seguir serão descritos os *grandes concursos* e os *concursos de bairro*.

Dentre os *grandes concursos* é possível identificar os dois principais representantes em atividade atualmente: o Top Gay Ceará e o Miss Gay Ceará, que será abordado no próximo tópico. Já o Top Gay Ceará, em sua décima terceira edição, configura-se como o evento que tem mais penetração na rede de concursos do estado. Organizado pelo *site* Onixdance,¹¹ o Top Gay reúne as ganhadoras de cada um dos concursos de bairro da cidade e de alguns concursos da Região Metropolitana, elegendo a *miss das misses*. O certame é hoje considerado um dos maiores eventos existentes no estado e, nos últimos anos, vem ganhando projeção em outras regiões do país. Diferentemente da maneira como os demais eventos são realizados, abrindo-se inscrições e/ou convidando candidatas consideradas competitivas, no Top Gay Ceará apenas *misses* que ganharam o título em algum dos concursos associados têm o direito de *descer* em sua *passarela*.

⁹ A *passarela* de uma *miss* diz respeito à forma como uma transformista desfila na ocasião de um concurso de beleza. Nesse sentido, a *passarela* é tanto o suporte que permite o seu desfile, como o modo pelo qual ele é realizado pela candidata. Assim, uma *passarela* deve consistir em modo de caminhar elegante e gracioso, correlato aos desfiles de moda convencionais. Mais à frente descrevo em que consiste uma *passarela* considerada *perfeita*.

¹⁰ No período em que estive em campo, passei também a ser uma jurada requisitada, cheguei a escutar que havia me tornado uma missóloga. Atribuo o recebimento dessa alcunha ao fato de demonstrar muito interesse em aprender os meandros da prática, aquilo que faz uma *miss* ser a escolhida da noite. Esse processo repercutiu em importantes questões epistemológicas para o método etnográfico, tornando necessária a reflexão sobre o lugar da pesquisadora no campo (HARAWAY, 2009), bem como a proximidade com os sujeitos (VELHO, 1978).

¹¹ Onixdance é um portal que existe há doze anos e se dedica à cobertura da vida *gay* de Fortaleza. O *site* desempenha papel fundamental no contexto dos concursos e eventos em geral. De acordo com fala do ex-vereador Paulo Diógenes, famoso humorista cearense e militante LGBT, o Onixdance "é a imprensa que nós [LGBTs] temos".

Devido a essa característica, bem como a sua produção considerada de alto nível, tornou-se um dos maiores objetivos das *misses* cearenses. Aquelas que já acumularam em torno de si condições de investir alto em suas *montagens* almejam sempre tornar-se Miss Gay Ceará e/ou Top Gay Ceará. Como outros grandes concursos do estado, o Top Gay Ceará passou a ser realizado pelos atuais *donos* através da doação de um organizador que não estava mais interessado em produzi-lo. Como os *meninos do site* são muito atuantes no campo, foi-lhes oferecido o concurso objetivando deixá-lo *em boas mãos*. As edições desse certamente são sempre muito concorridas, tendo cerca de 27 candidatas, oriundas de diversos bairros e municípios cearenses. De acordo com a *miss, apresentadora* e transformista Flávia Fontenele, o Top Gay desempenha um importante papel na cena:

Hoje temos muitos concursos de bairro consolidados e inseridos no calendário da cidade. Porém, há uma *necessidade de organização*. E tenho certeza que o trabalho árduo dos *meninos do Top Gay* elevarão cada vez mais nossa qualidade e continuaremos sendo referência nacional na beleza transformista.

Além dos dois grandes concursos de beleza *gay* em atividade nos dias atuais, ocorre em toda a cidade de Fortaleza e Região Metropolitana a realização de certames considerados de menor envergadura, que desempenham um papel de ampliar o acesso à concorrência ao título de *miss*. Essa ampliação ocorre devido à existência de eventos mais simples, onde uma neófito no campo pode decidir por concorrer ao título mesmo sem possuir o *perfil* ou as condições financeiras e de contato interpessoal necessários para os eventos de maior envergadura. Ao mesmo tempo em que há esse acesso mais democratizado, os *concursos de bairro* credenciam as ganhadoras para concorrer a um título considerado um *objetivo maior*, isto é, o Top Gay Ceará, a partir do qual podem investir em uma passarela *nacional*. Para delinear esse contexto, a seguir, reproduzo comentário realizado por uma transformista maranhense sobre o circuito de concursos de beleza *gay* cearenses:

Queria mesmo era morar na Venezuela Brasileira... CEARÁ! Onde a cultura do transformismo é árdua, onde pra gente que ama essa arte é valorizado e respeitado. Fazendo a cabeça da Mylla Dhyas para mudar daqui [...].

Embora seja comum que eventos deixem de ser realizados em algum ano e outros passem a existir, atualmente pode-se dizer que ocorrem no campo onde se desenvolveu essa etnografia 26 concursos nos bairros, cinco concursos na Região Metropolitana e três concursos avulsos, totalizando 34 *concursos de bairro*. Conforme apontado por Strathern (2014) um "corte" na rede também ocorre a partir da necessidade de estabilização de uma realidade para fins analíticos e descritivos. Assim, é dessa maneira que entendo a exposição desse circuito, visto ser provável que parte desses concursos deixe de acontecer em determinado período, abrindo espaço para a realização de outros.

A maior parte dos concursos de bairro da rede tem entre dois e sete anos em atividade, a exceção fica por conta do Miss Gay José Walter, que no ano 2019 realizou sua 25.^a edição. É válido ressaltar que o bairro José Walter é reconhecido jocosamente na capital cearense como o "bairro dos cornos", mais especificamente, homens heterossexuais que seriam traídos por suas companheiras. Entretanto, conforme depoimentos obtidos em campo, os(as) interlocutores da pesquisa defendem que o bairro José Walter seria, na verdade, o "bairro mais *gay* de Fortaleza", de forma a constituir uma narrativa transviada (BENTO, 2014) e contra-hegemônica de uma suposta "vocaçã" das territorialidades da cidade.

A estrutura de organização dos *concursos de bairro* é bastante parecida. Em geral, são realizados em localidades periféricas, possuem uma decoração simples, concretizada com materiais de baixo custo, como cartolinas, EVA e isopor. O maior investimento costuma ser em relação a três questões: o aluguel da passarela, do som e da iluminação. Outra característica comum aos *concursos de bairro* diz respeito ao tempo do espetáculo, que comumente se inicia depois de meia-noite e se encerra junto aos primeiros raios de sol. Os únicos concursos que não acabam por volta das cinco horas da manhã são aqueles

realizados em teatros, como o Miss Gay Centro e o Miss Gay Metropolitana. Os motivos que fazem com que o evento tenha essa duração são relativos à demora das candidatas em realizarem suas *montagens*, ao fato de o evento ser a noite de lazer dos presentes, bem como devido à necessidade de que a maior parte do público tem de permanecer até de manhã para retornar de ônibus para casa. Como a maioria dos participantes é componente das classes populares, poucas são as pessoas que possuem transporte próprio. Ademais, os *concursos de bairro* fomentam uma série de movimentações e geração de renda nos bairros populares de Fortaleza. Conforme Flávia Fontenele:

Os concursos de bairro geram oportunidades. Empregos para aderecistas, maquiadores, estilistas, renda extra para donos de espaços onde acontecem os eventos, quem vende bebida obtém uma renda extra, além de levar entretenimento à comunidade do bairro onde acontecem.

Ao analisar a realidade comunitária dos bairros e localidades onde se realizam os certames, é possível apontar para a existência de uma rede de eventos diversos localizados nessas comunidades, aos quais os concursos de beleza *gay* se interligam e compõem apenas mais um ponto dessa malha que congrega lazer, eventos culturais, militância popular e movimentação comunitária. Os *concursos de bairro* estão interligados a uma série de outros eventos culturais realizados nas periferias de Fortaleza, tais como os festivais de quadrilha junina, grupos de *swingueira*,¹² paradas pela diversidade sexual, jogos LGBTs, festivais de talento trans etc. Compreendo, portanto, que os concursos de beleza *gay* cearenses estão inseridos em uma rede de eventos culturais e de lazer mais ampla, que se realiza nas periferias de Fortaleza e compõe os gostos de classe e os estilos de vida (BOURDIEU, 2008) de jovens das classes populares. Esses gostos de classe remetem, também, à valorização de determinadas práticas, ideários e artefatos, que elaboram as transformações corporais e animam as preferências éticas e estéticas das pessoas envolvidas na rede.

Observa-se nesse íterim a constituição dos con-

ursos de beleza *gay* como espaços de militância popular, visto que a história oficial da organização dos movimentos LGBT no Brasil ocorreu em íntimo relacionamento com a constituição de organizações da sociedade civil, protagonizadas por militantes das classes médias, universitárias e intelectualizadas (FACCHINI, 2005). Entretanto, é importante salientar que as travestis, as mulheres lésbicas e as pessoas efeminadas periféricas também contribuíram para a ampliação das discussões, tendo, inclusive, entrado em conflitos com a ditadura militar. De acordo com James Green (2000, p. 396):

As medidas repressivas tomadas pelos militares a fim de erradicar a "subversão" tiveram um efeito desalentador sobre a sociabilidade homossexual entre 1969 e 1972. A polícia militar efetuava batidas frequentes no centro do Rio e de São Paulo. Arbitrariamente, os policiais abordavam as pessoas para conferir se seus documentos estavam em ordem, e indivíduos suspeitos podiam ser detidos para interrogatório.

Embora esse ambiente de repressão promovido pela ditadura militar tenha sido desalentador para essas movimentações, esses/as sujeitos/as pautaram a possibilidade de vivenciar uma sexualidade livre e fora dos padrões heteronormativos (BUTLER, 2003), conforme demonstra MacRae (2011) ao identificar contextos onde as "bichas loucas" se contrapunham aos "respeitáveis militantes". Assim, a seguir discorro sobre elementos fundamentais para a memória dos concursos de beleza *gay* cearenses, de forma a identificar como as iniciativas precursoras inspiram e repercutem na cena contemporânea.

2 Miss Gay Abolição, Miss Gay Ceará e outros eventos: sobre memórias, (re) interpretações e itinerários

O Miss Gay Ceará é o mais antigo concurso de beleza *gay* ainda em atividade no estado. Há mais de três décadas, o evento é realizado por Ricardo Dione e costuma ocorrer em grandes clubes da capital ou em importantes teatros do circuito cultural da cidade. Entretanto, antes de pertencer ao atual *dono* e realizar-se em locais prestigiados, existiu uma longa trajetória que se

¹² Dança sensual, no ritmo do axé, muito popular nas periferias de Fortaleza.

interliga a movimentos de resistência e experimentação da transformação e da travestilidade na cidade de Fortaleza e em sua Região Metropolitana. Assim, a partir da narrativa desenvolvida por importantes personagens¹³ que vivenciaram experiências em concursos de beleza gay desde, pelo menos, a década de 1970, abordarei memórias e imagens relatadas em uma série de entrevistas¹⁴ na perspectiva da história oral.

É importante salientar, entretanto, que a busca de reconstrução de uma trajetória deve considerar os artifícios próprios daquilo que Bourdieu (2006) compreende por "ilusão biográfica", visto que construir uma narrativa coesa de um circuito significativo de acontecimentos pode descambar em uma perspectiva assertiva e romanceada da trajetória de um indivíduo ou de um grupo. Assim, os discursos produzidos em campo sempre poderão ser afetados por intempéries e divergências, já que até mesmo as circunstâncias propiciadas pelo ambiente da pesquisa podem influenciar a forma e o conteúdo do ato de falar sobre si.

O objetivo mesmo desses discursos, que incide em uma apresentação pública da vida privada de um indivíduo ou de uma coletividade, implica em um conjunto de limitações. Conforme Bourdieu (2006), a noção de trajetória consiste na construção de uma sequência de posições constantemente ocupadas por um mesmo sujeito ou um grupo em um contexto social exposto a frequentes transformações. Portanto, não é adequado buscar compreender uma história de vida como um ente independente, sem levar em consideração os aspectos sociais que interagem em sua experiência. Assim, de forma complementar às narrativas, acessei notícias de jornais e pesquisas históricas e antropológicas, além de objetos, convites e recortes disponibilizados nos acervos pessoais dos interlocutores.

De acordo com as lembranças de Ricardo Dione, o Miss Gay Ceará existe há cerca de 50 anos. Entretanto, em uma matéria veiculada pelo

jornal cearense *Diário do Nordeste* em 1986¹⁵, consta que o primeiro evento cearense que visava eleger uma *miss gay* aconteceu no ano de 1956, na Barra do Ceará, bairro popular de Fortaleza e banhado pela faixa litorânea menos valorizada da capital. Apesar do fato de que nessa época o evento ainda não tinha recebido a alcunha de Miss Gay Ceará, é considerado seu precursor originário, já que era organizado por Aluizio Silva, de quem Dione recebeu a doação do evento em 1983. Sendo assim, é acionada na cena uma linha de continuidade entre os certames.

Ainda sob o comando de Aluizio Silva, em 1976, o evento foi transferido para o Farol do Mucuripe, local muito belo da orla fortalezense, porém, até os dias atuais, repleto de estigmas (GOF-FMAN, 1978) relativos à violência urbana. Esse acontecimento é narrado, pela referida matéria de jornal, como tendo sido um desencadeador de violenta repressão policial. Nessa ocasião, os organizadores, candidatas e público presentes foram detidos pela polícia. É válido atentar para o fato de que nesse contexto estávamos vivenciando em nosso país uma das épocas de maior repressão e autoritarismo devido à ditadura militar que assolava o país. De acordo com Green e Quinalha (2014), a ditadura militar dificultou fortemente as práticas e experiências homoafetivas e transgêneras, instaurando perseguição política de Estado com e violações aos direitos dessa parcela da população. Conforme os autores, as dissidências de gênero e sexualidade foram violentamente reprimidas nesse período, visto que valores conservadores se articulavam à produção de políticas repressivas de Estado, devido aos riscos que as vivências transviadas (BENTO, 2014) representavam para a manutenção dos valores tradicionais da família brasileira e da religião cristã propagados à época.¹⁶

Até a década de 1970, era patente a extrema dificuldade em realizar eventos dessa natureza em territórios urbanos da capital fortalezense.

¹³ Agradeço a disponibilidade de Ricardo Dione e Markos Veras em abrirem suas lembranças e seus acervos para essa pesquisa.

¹⁴ As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2015 e 2016, na capital do Ceará.

¹⁵ O teor da matéria consta na tese de doutorado de Elias Ferreira Veras (2015).

¹⁶ É importante ressaltar que no contexto de repressão também se articula a resistência. O livro organizado por James Green e Renan Quinalha (2014) reúne uma série de artigos que abordam esse contexto, apontando para a repressão sofrida e o enfrentamento empreendido.

Assim, durante muito tempo os eventos foram concretizados em sítios distantes, em segredo e sem divulgação para um público mais amplo. Apenas os amigos próximos e pessoas envolvidas na cena sabiam dos concursos, que eram evitados por essa aura de contravenção e intolância por parte de setores mais tradicionais da sociedade. Era comum a produção de convites direcionados a um número restrito de pessoas, contendo endereço e programação dos certames de forma discreta. Um exemplo foi a edição do Miss Gay Ceará no ano de 1978, realizado em local distante do perímetro urbano, em um sítio apelidado de *Diaguileife Of Cytyo*.¹⁷ O apelido do local faz referência ao tom jocoso que eiva esses eventos no Ceará até os dias atuais, pois *Diagui* é uma expressão que remete à homossexualidade efeminada, sendo associado a um neologismo inspirado na língua inglesa, algo bastante presente na tradição do humor cearense.¹⁸

Antes de tornar-se Miss Gay Ceará o concurso recebeu, ainda, o nome de Miss Gay Abolição, tendo sido Gurgel do Amaral, hoje presidente da associação de cabeleireiros do estado, a primeira *miss* eleita. Conforme entrevista concedida por Dione, o Miss Gay Abolição “fazia um negócio com escravos”, isto é, o evento fazia menção ao fato de o Ceará ser considerado o primeiro estado brasileiro a abolir a escravidão. Dessa forma, havia uma reinterpretação nativa acerca do sentido de liberdade conseguida com a abolição da escravatura, associando-a ao ato de liberar-se, também, em possibilidades de vivências homossexuais e relativas às travestilidades. Vê-se que até os dias atuais o Miss Gay Ceará elabora narrativas que se aproximam dos ideários e visões acerca daquilo que se entende próprio deste estado, como veremos a partir do tema da edição de 2015 descrita mais adiante.

Já a partir da década de 1980, de forma concomitante ao processo de redemocratização do país, inicia-se um período em que essas expressões das vivências transviadas (BENTO, 2014) passaram a poder exprimir-se de maneira menos ocultada. Inspirando-se em Rogéria, famosa

artista travesti, Dione recebeu o Miss Gay Ceará de Aluisio e decidiu que daria outros rumos ao evento. Abaixo, reproduzo um trecho de entrevista concedida por Dione, no qual é narrada a maneira pela qual recebeu a doação do evento e definiu as novas estratégias a serem desenvolvidas:

Nessa época, do Casablanca [boate gay], foi quando faziam o Miss Gay Ceará, que eu assisti várias vezes, como telespectador. Já faziam, mas faziam em sítios, em lugar fechado... Escondido, pronto, a palavra certa é essa, escondido. É tanto que, devido a essas coisas, a pessoa que fazia o Miss Gay, que era o Aluisio, ele chegou pra mim e disse que não ia fazer mais. “Eu não vou fazer mais, eu tô cansado disso, de fazer isso sempre escondido, com as senhoras da sociedade prestigiando pra gente ter algum respeito, pra polícia não invadir...”. E aquilo tudo foi ficando na minha cabeça. Quando ele chegou pra mim e disse assim: “Eu não vou fazer mais”, não sei, na hora eu disse – “pois eu vou fazer”. Ai ele disse: “Você vai fazer? Pois é sua, a festa, pode fazer. Vai correr esse risco?”. Eu disse: “Não, não vou correr esse risco, porque eu vou fazer o Miss Gay Ceará em um teatro!”. Porque se as pessoas vão assistir o espetáculo da minha idola maravilhosa Rogéria no teatro, e o teatro lota com Rogéria, porque ela é da Globo, eles têm que ir pro teatro pra ver nós aqui do Ceará! Então, se eles vão pra ver *Metamorfose Show*, se eles vão pro teatro pra ver *O Cacique das Bonecas Virgens*, por que eles não vão pra ver o Miss Gay Ceará, que não deixa de ser um espetáculo? É o Miss Gay? É, mas é um espetáculo! Eu sei que o teatro tava lotado, maravilhoso, 24 candidatas. Porque naquela época tinha muito aquela coisa do 24, que é gay, e a gente... Eu quis as 24, acho que pra mostrar que era gay.

Assim, observo que o Miss Gay Ceará consiste, para os(as) sujeitos(as) da rede, em um evento de muito prestígio até os dias atuais. Ao abordar memórias relativas aos tempos precursores dos primeiros concursos de beleza *gay* cearenses, podemos visualizar a constituição de um movimento que enfrentou repressão policial, estigmas da sociedade e diversas outras dificuldades de realização. Mesmo com as adversidades, observamos a existência de um processo artístico, além de uma postura ativa no que concerne às interpretações socioculturais sobre a cultura cearense e brasileira. Constata-se, ainda, que os eventos precursores inspiram os *grandes concursos* e

¹⁷ Informações e cópia do convite consultados no acervo pessoal de Markos Veras.

¹⁸ A seguir essa característica será mais bem explicitada.

os *concursos de bairro* em atividade no estado.

Como todos os demais eventos, O Miss Gay Ceará escolhe um tema específico para guiar a decoração do espaço e as criações dos trajes típicos e performances das candidatas. Nesse sentido, ocorre sempre a assunção de temas considerados significativos para a imagem comumente imaginada sobre o estado, porém reelaboradas de acordo com os ideários do universo da beleza *gay*. Na edição de 2015, por exemplo, o tema do evento foi *Raízes Culturais* e consistiu em uma homenagem às *transex europeias*¹⁹ cearenses de sucesso, principalmente aquelas que já foram eleitas *misses* pelo certame. Conforme Dione, em entrevista, o tema escolhido para essa edição decorre dos seguintes argumentos:

Raízes Culturais. Pronto, o que é que eu quis mostrar com o espetáculo Raízes Culturais? Então era o mapa do Estado do Ceará, né, com "n" fotos de perfil de transex que tem projeção internacional, né? Então o que é que eu quis mostrar com o espetáculo Raízes Culturais, Raízes Culturais, na realidade LGBT: foi uma homenagem a essas transex que já não estão mais aqui no Brasil. Então Raízes Culturais por quê? Porque um dia elas foram transformistas, fizeram shows, e hoje elas são transex. Eu quis render uma homenagem a elas. Então o espetáculo foi todo baseado em cima dessas mulheres. Como, à época, as trans, a maioria delas, quando participavam do Miss Gay Ceará, todas elas queriam fazer as *rendeiras* – iam todas de branco tudo, aquela coisa. Por isso que o traje típico foi em homenagem às *rendeiras*. Então, as cinco candidatas entraram todas de *rendeira*. E houve também a realidade, conforme o texto que foi elaborado, das conferências LGBTs que já aconteceram, sobre o segmento trans. Então foi isso que eu quis fazer – uma homenagem a esse segmento trans, na realidade LGBT.

A figura da mulher *rendeira* é um dos principais símbolos relacionados à cultura nordestina. De acordo com Câmara Cascudo (2010), os versos da famosa canção são relevantes no contexto da biografia de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. A letra da música tornou-se um importante símbolo do cangaço, servindo como uma espécie de hino para os cangaceiros do bando de Lampião. Observa-se, portanto, a reinterpretação desse

símbolo de resistência da mulher nordestina pelas *transex europeias*, que migraram para a Europa em busca de sucesso profissional, geralmente no mercado do sexo transnacional, e voltam anualmente para prestigiar o evento.

Além da homenagem à mulher *rendeira*, presenciei a exibição de inúmeros e criativos trajes, que representavam entidades brasileiras ou inspiravam-se em símbolos cearenses, como a árvore da carnaúba ou a índia Iracema, eternizada pelo romance do escritor José de Alencar. Nesse aspecto, a criatividade não deve ter limites, sendo passível também o advento de um cenário e de uma interpretação por parte da candidata na cena construída. A seguir, apresento a imagem da *miss* Kyara Hilton, Top Gay Ceará e candidata a Miss Gay Brasil versão Nordeste.²⁰ O traje foi confeccionado a partir das palhas da carnaúba, com o objetivo de evidenciar o artesanato cearense e um dos símbolos contidos na bandeira do estado. Ao lado da imagem, reproduzo o breve discurso de apresentação da candidata:

Figura 1 – Traje Típico da Carnaúba



¹⁹ *Europeias* são travestis que foram exercer a atividade da prostituição em países da Europa, especialmente Itália, Espanha e França, obtendo destaque no mercado de prostituição internacional.

²⁰ Evento, com mais de duas décadas de existência, que ocorre em Salvador (BA).

CARNAÚBA – Árvore da vida

A carnaúba é considerada como um dos grandes símbolos do Ceará, ganhando espaço na bandeira do meu estado.

Da árvore se aproveita tudo, da raiz até as palhas.

Meu traje vem representando a palha e seu artesanato: esteira, trançados, leques, bolsas e chapéus.

Por que eu sou cearense,

Por que eu sou brasileira,

Eu sou apaixonada pelo meu lugar,

Eu trago no peito um amor verdadeiro,

Eu sou da terra da luz,

Eu sou do Ceará!

Fonte: Imagens cedidas pelo site Onix Dance.

Além da associação com símbolos da cultura popular nordestina e cearense, os concursos de beleza *gay* nesse estado desenvolvem uma íntima relação com a tradição do humor. Sabe-se que o Ceará é reconhecido nacionalmente como um celeiro de grandes humoristas, que fazem usos de indumentárias e fantasias com brilhos exagerados e cores extravagantes. As afinidades que se estabelecem entre os concursos de beleza *gay* cearenses e o humor são múltiplas, já que as relações entre ideais de feminilidades e o humor estão sempre em tensão e diálogo. No caso específico do Miss Gay Ceará ocorre, há 15 anos, uma premiação especial intitulada *Humor Glamour*. Dione costuma convidar humoristas cearenses para fazerem-se presentes no evento e, em edições passadas, chegou-se a compor uma mesa totalmente fechada para esses artistas, tais como *Romeirinha Escrachada* e *Raimundinha*.²¹

Somando-se a esses elementos, existe na rede uma espécie de tendência a utilizar o humor e a graça para apresentar os desfiles e divertir o público. *Montar-se* de maneira *caricata* (engraçada ou mesmo burlesca) consiste em uma das

formas possíveis de construção e agenciamento da feminilidade, que se dá com fins de entretenimento. É importante ressaltar, entretanto, que este entretenimento voltado ao riso se realiza mesmo nas experiências de apresentadoras que não se *montam* de forma caricata. Nesses casos, elas costumam realizar a *montagem* de uma feminilidade correlata à das *misses*, porém suas posturas corporais e comportamentos são distintos, pois buscam fazer piadas e arrancar risos da plateia. Essas apresentadoras desempenham o papel de *entertainers*, esperando-se delas uma atitude proativa e de envolvimento com o público.

Essa feminilidade cômica e expressiva, entretanto, não deve ser experienciada pelas *misses*, que precisam seguir os ideais esperados para sua consagração. Se no Ceará costuma ocorrer um tipo de humor baseado em uma travestilidade exagerada e caricata, isto também se faz presente na rede de concursos aqui exposta. Porém é necessário que esta relação com o humor se mantenha reservada às apresentadoras e/ou às *performers* que abrem os eventos, já que a *miss* não pode entrar em contato com algo que possa tender ao ridículo, mesmo que o objetivo seja fazer graça. Portanto, o humor caricato é uma maneira de agenciar a feminilidade, sendo reservada apenas às apresentadoras e/ou *drag queens* que realizam *shows* e executam esquetes cômicas no contexto dos eventos.

De acordo com os critérios estabelecidos, uma *miss gay* deve compor uma corporalidade feminina baseada na *beleza dos movimentos* e na *beleza facial*. O que se julga, portanto, é a apresentação de uma feminilidade construída e considerada *belíssima* e *glamorosa*. As atitudes e posturas corporais desenvolvidas com o intuito de ser *belíssima* são aquelas que guardam um forte controle das atitudes ditas masculinas, isto é, não se deve ser expansivo nos gestos e posturas, tais como se sentar ou caminhar com pernas muito abertas, por exemplo. Ser *belíssima* denota gestos elegantes, minimalistas, contidos e delicados, aliados a uma *montagem* que consegue exprimir os atributos

²¹ Esses humoristas cearenses são homens *gays* que se travestem com acessórios femininos, porém sempre tendendo ao exagero e à caricatura.

de feminilidade desejados na cena. Uma prática bastante representativa da postura *belíssima* são os conhecidos "*tchauzinhos de miss*", que consistem em acenos muito comedidos com as mãos, de forma a cumprimentar e encantar o público.

O objetivo fundamental desta complexa elaboração da *miss gay* consiste na construção, mesmo que circunstancial, de um tipo específico de feminilidade, compreendido por Marcia Ochoa (2014) como uma "feminilidade espetacular". Conforme a antropóloga, essa produção assenta-se em um amplo contexto de recursos simbólicos, oferecendo ensejos para projeções imaginárias que superam as condições materiais em que a(o) sujeita(o) se localiza (OCHOA, 2014). Com o objetivo de realizar uma discussão sobre as performances de feminilidade na Venezuela, Ochoa (2014) aborda a produção de um imaginário social sobre os concursos de beleza naquele país, aliando-o ao contexto colonial, bem como às noções de modernidade que conformam o ideário nacional. Nesta obra, a antropóloga compreende por "feminilidade espetacular" uma assunção de ideologias de interioridades voltadas para a produção de formas de espetáculo exemplares.

A construção de uma feminilidade espetacular engendra não somente a produção de um corpo feminino ideal, mas também a realização de "um algo a mais", representado pela assunção de posturas e atitudes necessárias para uma possível consagração como *miss*. Assim sendo, a constituição dessa "feminilidade espetacular", tão almejada pelas *misses gays* cearenses, passa pela construção e pela preservação de uma "fachada" (GOFFMAN, 2011), repleta de uma *elegância* que depende de uma engenhosa conciliação entre discrição (ou *finesse*) e exibicionismo, além da maquiagem e das indumentárias consideradas *luxuosas e glamorosas*.

Finalmente, podemos observar que a rede de concursos de beleza *gay* cearense envolve arte, técnica, tradição e distintos setores da comunidade LGBT. Além de efetuarem-se enquanto importantes eventos de lazer, são, também, relevantes espaços de construção coletiva de sentidos, significados, ideários, coletividades e reivindicações. Embora

congreguem, a um só tempo, aspectos transgressivos e de continuidade de práticas hegemônicas, são importantes ações para a positivação de setores da sociedade que, em muitos espaços, sofrem com a intolerância e o estigma perpetrado aos seus corpos, gêneros e sexualidades.

Considerações finais

O Ceará é reconhecido nacionalmente, no meio LGBT que se interessa pelos concursos de beleza *gay*, como um *celeiro de misses*. Esse reconhecimento ocorre por diversos motivos, tanto qualitativos como quantitativos. Qualitativamente, podemos apontar o destaque que as transformistas cearenses obtiveram em certames realizados em diversos estados brasileiros. Em relação aos aspectos quantitativos, que implicam diretamente no destaque das misses cearenses país afora, observa-se que o Ceará possui uma quantidade muito maior de *misses gays* que qualquer outro estado brasileiro. Identifica-se, portanto, que a prática se retroalimenta, pois transformistas que estão começando nesse universo podem ir exercitando sua *performance* e *montagem* a partir da participação em diversos concursos de bairro realizados semanalmente. Isto é, as candidatas não precisam esperar pelo acontecimento de um grande concurso que demandaria alto investimento financeiro e uma maior concorrência, como ocorre na maioria dos outros estados brasileiros.

Ademais, embora as *misses gays* cearenses mantenham-se em um campo de práticas discursivas que não colaboram para o rompimento de perspectivas mais convencionais, em muitos aspectos suas experiências desafiam a heteronorma (BUTLER, 2003) e rompem com padrões estabelecidos. Portanto, em suas práticas e experiências convivem aspectos que, a um só tempo, são convencionais e transgressivos. As questões de manutenção da ordem vigente podem ser vislumbradas pelo tipo de feminilidade desejada/criada na cena, que em grande medida se aproximam de um modelo recatado e passivo de comportamento, sobretudo aquele exigido das mulheres em concursos de beleza conven-

cionais. Já no que concerne aos aspectos mais transgressores, aponto para o agenciamento de masculinidades entendidas enquanto possíveis, bem como no que tange à possibilidade de transitoriedade entre diferenças de gênero. Além disso, a valorização de um tipo de arte que costuma ser marginalizada e encontrar-se fora dos grandes circuitos artísticos promove importantes linhas de fuga e resistências a essas populações.

Nesse sentido, constatou-se que os concursos de beleza *gay* alimentam um imaginário cearense voltado às dissidências de gênero e sexualidade, de maneira interligada aos setores do ramo da beleza. Os trajes e performances que recriam importantes figuras e elementos da cultura popular tradicional demonstram essa característica. Além disso, esses certames representam espaços de militância e fontes de visibilidade e positividade das transgeneridades, já que homens *gays* e pessoas trans neles encontram sua fonte de diversão, emprego, renda e ideais. Em contrapartida, observa-se a perseguição de um modelo de beleza referente a uma “feminilidade espetacular” (OCHOA, 2014), reiterando práticas hegemônicas e incorrendo em disputadas por legitimidade. Compreende-se, portanto, a construção paulatina de um imaginário sobre o Ceará e sobre a Região Nordeste, (re)inventando símbolos de feminilidades tradicionais, tais como a mulher rendeira e a resiliência da mulher nordestina, a partir dos elementos referentes às dissidências de gênero e sexualidade experimentadas na cena.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: invenção do ‘falo’: uma história do gênero masculino (1920-1940)*. São Paulo: Intermeios, 2013.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BENEDETTI, Marcos. *Toda feita: corpo e gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. *Revista Florestan*, ano 1, n. 2, nov. 2014. Disponível em: http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/64/pdf_25. Acesso em: 30 abr. 2020.
- BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 26, jan./jun. 2006.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Notas e documentos para a história de Mossoró*. Mossoró: Fundação Vingt-un Rosado/Coleção Mossoroense, 2010.
- DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução de Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GREEN, James; QUINALHA, Renan. *Ditadura e homossexualidades. Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Paulo: Edufscar, 2014.
- GREEN, James; LIMA, Andréa Moreira; MACHADO, Frederico Viana. Revolucionário e gay: identidades inconciliáveis? Entrevista com James Green. *Psicologia & Sociedade*, Belo Horizonte, n. 32, maio 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100600. Acesso em: 30 abr. 2020.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.
- HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna *et al.* *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- JAYME, Juliana Gonzaga. *Travestis, Transformistas, Drag queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*. 2001. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

LEITE JÚNIOR, Jorge. Transitar para onde? Monstruosidade, (des)patologização, (in)segurança social e identidades transgêneras. *Revistas de Estudos Feministas*, v. 20, 2012.

MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, Leandro (org.). *Stonewall + 40 o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

MARCUS, George E. O que vem (logo) depois do "PÓS": o caso da etnografia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 37, p. 7-34, 1994.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos – reflexões queer sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (org.). *Stonewall + 40 o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011.

MOTT, Luiz. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. *ArtCultura* – Revista do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura, Uberlândia, v. 4, n. 4, p. 111-122, 2002.

MOORE, Henrietta. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 14, p. 13-44, 2000.

NASCIMENTO, Silvana de Souza. Variações do Feminino: circuitos do universo trans na Paraíba. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 57, n. 2, 2014.

NOLETO, Rafael da Silva. "Brilham estrelas de São João!": notas sobre os concursos de "Miss Caipira Gay" e "Miss Caipira Mix" em Belém (PA). *Sexualidad, Salud y Sociedad* – Revista Latinoamericana, Rio de Janeiro, n. 18, p. 74-110, 2014.

OCHOA, Marcia. *Queen for a dayn*: transformistas, beauty queens, and the performance of femininity in Venezuela. Durham/London: Duky University Press, 2014.

OCHOA, Marcia. A moda nasce em Paris e morre em Caracas. In: MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa (org.). *Discursos fora da ordem*: sexualidades, saberes e direitos. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2012.

PELÚCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da Aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. *Sexualidad, Salud y Sociedad* – Revista Latinoamericana, Rio de Janeiro, n. 1, 2009.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, [S. l.], v. 11, n. 2, jul./dez. 2008.

SILVA JUNIOR, Aureliano. Para uma história dos concursos de beleza trans: a criação de memórias e tradição para um certame voltado para travestis e mulheres transexuais. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 50, 2017.

STRATHERN, Marilyn. *O gênero da dádiva*: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na melanésia. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

STRATHERN, Marilyn. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

RODRIGUES, Marcelo Carmo. *Miss Brasil Gay, polêmica na passarela*. Eventos como instrumento de comunicação alternativa. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 1, jan./abr. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026-2005000100002X&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 abr. 2020.

STOLCKE, Verena. O enigma das interseções: classe, 'raça', sexo, sexualidade: a formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 1, jan./abr. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100003&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 30 abr. 2020.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

VERAS, Elias Ferreira. *Carne, tinta e papel*: a emergência do sujeito travesti público-midiatizado em Fortaleza (CE), no tempo dos hormônios/farmacopornográfico. 2015. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

Marina Leitão Mesquita

Doutora em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em Recife, PE, Brasil; professora da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), em Sobral, CE, Brasil.

Endereço para correspondência

Marina Leitão Mesquita

Universidade Estadual Vale do Acaraú

Avenida John Sanford, 1845

Junco, 62030295

Sobral, CE, Brasil